

**Biblioteca
Virtualbooks**



**O LIMPADOR
DE BOTAS**

**CHARLES
DICKENS**

**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:

Vbooks02@terra.com.br Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br/

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

O LIMPADOR DE BOTAS

Em que lugares havia estado na mocidade?, repetiu ele quando lhe formulei a pergunta. Santo Deus!, havia estado em todas as partes! E que profissões exercera? Quase todas as que se pode ser!

Se havia visto muitas coisas? Certamente. Eu mesmo diria isso, posso assegurar, se soubesse de um vigésimo do que lhe acontecera na vida. Tanto que seria muito mais fácil para ele falar do que não vira do que aquilo que vira. Muito mais fácil.

Qual a coisa mais curiosa que havia visto? Bem! Não sabia ao certo. Naquele instante não poderia avaliá-lo... talvez um unicórnio... que encontrara uma vez numa feira. Mas, se eu imaginasse um jovem cavalheiro de oito anos incompletos fugindo com uma bela senhorinha de sete - não seria isso um bom começo para uma história? Claro que sim. Eis que ele próprio havia visto essa história, com os olhos que Deus lhe dera, e inclusive limpava os sapatos com que eles haviam fugido, pequenos sapatos nos quais sua mão nem cabia.

O pai de Harry Júnior vivia na casa dos Elmses, em Shooter's Hill, a seis ou sete milhas de Lunnon. Era um homem espirituoso, bem apessoado, que caminhava de cabeça erguida e tinha o que se pode chamar de eclético. Escrevia versos, montava, corria, jogava críquete, dançava, representava, tudo fazendo satisfatoriamente. Sentia-se muito orgulhoso de Harry Júnior, seu único filho, mas não o levava a se perder com mimos em excesso. Era um cavalheiro de gosto e vontade próprios, o que logo se notava. Assim, embora fosse um bom companheiro para aquele excelente menino, e gostasse de vê-lo entretido na leitura de contos de fadas, e nunca se cansasse de ouvi-lo dizer que ele era Norval, cantarolando canções infantis, mantinha a sua autoridade sobre o

menino, um autêntico menino, e bom seria se todas as crianças fossem assim!

Como sabia o limpador de botas de tudo isso? Porque havia sido o jardineiro auxiliar. Naturalmente era impossível que, na qualidade de jardineiro, indo e vindo pelo gramado, sob as janelas da casa, ceifando, varrendo, desramando, e podando, e mais isto e aquilo, não se inteirasse dos assuntos da família. Isso sem contar com o fato de que, numa manhã, Harry Júnior lhe perguntou:

- Cobbs, de que modo escreveria a palavra "Norah", se te pedissem?

Ato contínuo, pôs-se a escrevê-la nas ripas da cerca, com letra de forma.

Ele não poderia dizer que tivesse dado muita atenção às crianças antes disso; mas era lindo vê-los, os dois pequenos, andando de cá para lá, profundamente enamorados. E a coragem do menino! Meu Deus, ele teria tirado o chapéu, arregaçado as mangas e avançado para um leão, se algum aparecesse para assustar sua bem amada. Uma vez, Harry Júnior, em companhia de Norah, deteve-se diante de Cobbs, que catava ervas daninhas no cascalho, e disse-lhe firmemente:

- Cobbs, gosto muito de você.

- Verdade, senhor? Fico muito contente em ouvir isso.

- Gosto sim, Cobbs. Porque você acha que gosto de você, Cobbs?

- Confesso que não sei, Harry Júnior.

- Porque Norah também gosta de você, Cobbs.

- É mesmo, senhor? Isso é muito honroso.

- Honroso, Cobbs? Ser querido por Norah vale mais do que ter milhões de puros diamantes.

- Certamente, senhor.

- Vai deixar-nos, não é assim, Cobbs? - Não gostaria de ocupar outro cargo, Cobbs?

- Não teria objeções, se fosse um bom cargo.

- Pois bem, Cobbs - determinou Harry Júnior - será nosso jardineiro-chefe quando nos casarmos.

Dito isso, enlaçou seu braço no de Norah, que vestia um aventalzinho azul-celeste, e ambos se afastaram.

O limpador de botas me assegurava que, melhor do que apreciar um quadro ou assistir uma peça de teatro, era ver as duas crianças, com seus cabelos louros encaracolados, seus olhos brilhantes e o caminhar ágil e firme pelo jardim, completamente enamorados. Cobbs achava sinceramente que os passarinhos os julgavam seus amigos e que cantavam para eles com a intenção de agradá-los. Por vezes, ambos se sentavam sob as árvores e ali ficavam abraçados, os rostinhos macios bem juntos, lendo histórias como "O Príncipe e o Dragão", "Os Encantadores Bons e Maus" e "A Linda Filha do Rei". Algumas vezes, Cobbs os ouvira falando de seus planos de morar numa casinha na floresta, com abelhas e vacas, para viverem só de mel e leite. Outra vez, deu com eles junto ao tanque e ouviu Harry Júnior, que dizia:

- Minha adorável Norah, me dá um beijo e me diz que me ama com loucura, senão vou me atirar dentro da água.

Cobb não tinha dúvida de que cumpriria o prometido, se ela não tivesse atendido seus pedidos. Resumindo, o limpador de botas me assegurou que tudo aquilo despertava nele próprio a sensação de também estar enamorado, embora sem saber exatamente por quem.

- Cobbs - disse Harry Júnior ao jardineiro quando ele regava as flores - em junho vou visitar vovó, que mora em York.

- Realmente, senhor? Espero que se divirta bastante. Eu também vou para Yorkshire quando sair daqui.

- Vai visitar sua avó, Cobbs?

- Não, senhor. Não a tenho mais.

- Não tem mais avó, Cobbs?

- Não, senhor.

O menino ficou olhando-o regar as flores por tempo e depois lhe disse:

- Ficarei muito contente em ir, Cobbs. Norah vai também.

- Vai estar muito feliz então, senhor - acrescentou Cobbs - com sua linda namorada ao seu lado.

- Cobbs - censurou o menino, ruborizando-se - não permito brincadeiras desse tipo, se eu puder impedir.

- Não foi brincadeira, senhor - desculpou-se Cobb, humilde. - Não tive essa intenção.

- Fico muito contente de que seja assim, Cobbs, porque gosto de você como sabe. E porque vai viver conosco... Cobbs!

- Senhor.

- Que é que você acha que vovó costuma me dar quando vou visitá-la?

- Não posso imaginar, senhor.

- Me dá uma nota de cinco libras do Banco da Inglaterra, Cobbs.

- Puxa! -exclamou Coobs - é um montão de dinheiro, Harry Júnior.

- Pode-se fazer um montão de coisas com esse dinheiro, não é mesmo, Cobbs?

- Acho que sim, senhor.

- Cobbs, vou te contar um segredo. Em casa de Norah, zombam de nós, forçam as risadas pelo nosso compromisso matrimonial... levam na brincadeira, Cobbs!

- Assim é, senhor - disse Cobbs - a maldade da natureza humana.

O menino, exata imagem do pai, ficou parado por um momento com o rosto iluminado voltado para o pôr-do-sol e depois se despediu:

- Boa noite, Cobbs. Vou entrar.

Quando perguntei ao limpador de botas por que resolvera deixar, naquela época, o serviço, ele não soube o que responder. Achava que poderia ter continuado na casa até hoje se tivesse tido vontade. Mas era jovem naquela época e pretendia mudar de vida. Isso era o que ele desejava - mudar. Quando comunicou ao Sr. Walmers que ia deixar o emprego, este lhe disse:

- Cobbs, tem alguma queixa a fazer? Pergunto isso porque, se algum dos meus empregados tem algo de que se queixar, se puder, quero lhe dar satisfações.

- Não, meu senhor - explicou Cobbs - agradeço muito, senhor, estou melhor do que poderia estar em qualquer outro emprego. A verdade é que vou em busca da fortuna, meu senhor.

- Oh, é isso, Cobbs? Faço votos de que a encontre.

E o limpador de botas assegurou-me - e o fez com um gesto, levando a calçadeira à cabeça, modo de saudação apropriada ao seu ofício - que até hoje não encontrara a dita fortuna.

Pois bem, vencido o prazo marcado, o limpador de botas deixou os Elmses, e Harry Júnior foi para a casa da velha senhora em York; esta velha senhora teria sido capaz de arrancar os dentes (se ainda os tivesse) para dá-los ao menino, tal era a paixão que nutria por ele. E não é que a criança (pois criança podemos chamá-lo com razão) foge da casa da avó em companhia de Norah, dirigindo-se a Gretna Green, com o propósito de se casarem!

Sim, senhor: o limpador de botas estava na mesma Hospedaria do Azevim (deixara-a várias vezes com a intenção de melhorar de vida, mas acabava sempre voltando por uma ou outra razão) quando, numa tarde de verão, parou um coche à porta e dele desceram as duas crianças. O cocheiro da diligência disse ao patrão de Cobbs:

- Não compreendo bem o que pretendem estas crianças, mas as ordens do pequeno cavalheiro foram para que os trouxesse aqui.

O pequeno cavalheiro apeou-se, estendeu a mão à sua dama para ajudá-la a descer, deu uma gorjeta ao cocheiro e se dirigiu ao dono da hospedaria:

- Vamos passar a noite aqui. Providencie, por favor, uma sala de estar e dois dormitórios. E costeletas fritas e pudim de cereja para dois!

Passando o braço por Norah (que trajava o seu aventalzinho azul-celeste), entrou na hospedaria mais apumado do que um general.

O limpador de botas deixava a meu critério avaliar qual teria sido a surpresa, dos presentes, ao verem as duas criaturinhas entrando - surpresa que se tornou ainda maior quando Cobbs, que as vira sem por elas ser visto, explicou ao hoteleiro o provável objetivo da viagem de ambos.

- Cobbs - anunciou-lhe então o patrão - se é assim, tenho de ir a York para tranquilizar os familiares. Por enquanto, cuide de vigiá-los e distraí-los até a minha volta. Mas antes de tomar a decisão definitiva, Cobbs, gostaria que confirmasse com eles se a tua suposição é verdadeira.

- Vou tratar disso imediatamente, senhor - retrucou Cobbs. Subindo ao apartamento do andar superior, o limpador de botas encontrou Harry Júnior sentado num enorme sofá - já enorme de origem e gigantesco quando comparado ao menino - enxugando as lágrimas de Miss Norah, com seu lenço. Claro que seus pezinhos não alcançavam o chão e o limpador de botas não achava palavras para descrever quão pequenas lhe pareceram as crianças.

- É Cobbs! É Cobbs! - exclamou Harry Júnior, correndo para ele e agarrando-lhe a mão. Miss Norah também veio correndo, pelo outro lado, agarrando-se à outra mão, e ambos se puseram a saltitar de alegria.

- Eu os vi, senhor, quando desciam do coche, disse Cobbs. - Logo os reconheci, porque não podia me enganar com a altura e

aparência dos patrõesinhos. Qual o objetivo da jornada dos senhores?... Matrimonial?

- Vamos nos casar em Gretna Green, Cobbs - relatou o menino. - Fugimos com essa finalidade. Norah está bastante deprimida, Cobbs, mas se alegrará, agora que temos o nosso amigo.

- Muito obrigado, senhor, e muito obrigado, senhora - disse Cobbs - pelo bom juízo que fazem de mim. Trouxeram bagagem, senhor?

O limpador de botas me assegurou, sob sua palavra de honra, que a dama trazia uma sombrinha, um frasco de sais, uma torrada e meia com manteiga, oito balas de hortelã e uma escovinha de cabelo, provavelmente de boneca. O cavalheiro trazia um rolo de barbante, um canivete, três ou quatro folhas de papel de carta dobrada várias vezes, uma laranja e uma canequinha de Chaney com seu monograma.

- Quais são exatamente os seus planos, senhor? - perguntou Cobbs.

- Prosseguir viagem pela manhã - respondeu o menino, cujo valor era digno de admiração - e nos casar no mesmo dia.

- Muito bem, senhor - disse Cobbs. - E seria de seu agrado que eu os acompanhasse, senhor?

- Oh, sim, sim, Cobbs! Sim! - exclamaram ambos, alegres a saltitar novamente.

- Bem, senhor - continuou Cobbs - me perdoem pela liberdade de dar minha opinião, mas eu gostaria de sugerir o seguinte: sei de um pônei, senhor, que atrelado a uma pequena carruagem, que eu tomara emprestada, poderia levar o senhor e senhora Harry Walmers Júnior (eu seria o cocheiro, se lhes parecesse bem), ao fim da jornada no menor tempo possível. Não estou certo, senhor, se o pônei vai estar em liberdade amanhã, mas mesmo que tivéssemos que esperar até depois de amanhã, ainda valeria a pena. Quanto às vossas pequenas despesas aqui, senhor, no caso de lhes faltar dinheiro, não se preocupem pois sou sócio do estabelecimento e nele tens crédito.

O limpador de botas declarou-me que - quando os viu batendo palmas, pulando de contentes, chamando-o de o "bom Cobbs!", o "querido Cobbs!", e, no auge da felicidade dos corações confiantes, beijando-se na sua frente - sentiu-se o mais miserável dos canalhas por enganá-los assim.

- Alguma coisa que desejam para já, senhor? - perguntou Cobbs, envergonhado de si mesmo.

- Gostaríamos de alguns doces depois do jantar - declarou Harry Júnior, cruzando os braços, avançando um pé, olhando-o de frente - duas maçãs... e geléia. Para o jantar, preferimos torradas e água. Mas Norah está acostumada a tomar meio cálice de vinho de groselha de sobremesa. E eu também.

- Farei o pedido no bar, senhor - disse Cobbs, retirando-se.

Ao contar-me isso, Cobbs experimentava os mesmos sentimentos de então, e confessou ter concordado com o hospedeiro a contragosto; de todo o coração, desejara que existisse um lugar absurdo onde aquelas crianças pudessem contrair um absurdo casamento e viver absurdamente felizes daí para frente. Mas como era isso impossível, conformou-se com o plano do patrão e este se pôs a caminho de York, meia hora depois.

O carinho que as mulheres da casa... sem exceção... todas elas.... casadas e solteiras... passaram a admirar o menino depois de saberem da sua história, surpreendeu o limpador de botas. Teve este de desdobrar-se para impedir que fossem ao apartamento para beijá-lo. Subiram perigosamente até as vidraças, correndo até risco de vida, para conseguirem vê-los através da vidraça. Formavam fila para contemplá-lo pelo buraco da fechadura. Ficaram loucas pelo menino e pela sua coragem.

Ao anoitecer, o limpador de botas foi até o apartamento para ver como estavam passando os fujões. O pequeno cavalheiro, sentado perto da janela, amparava a pequena dama em seus braços. Esta, com o rosto marcado de lágrimas, descansava, exausta e semi-adormecida, com a cabeça apoiada no ombro do companheiro.

- A Senhora Harry Walmers Júnios está fatigada, senhor? - perguntou Cobbs.

- Está sim, Cobbs, não está acostumada a ausentar-se de casa e acha-se deprimida novamente. Cobbs, acha que poderia arranjar uma torta de maçã?

- Desculpe-me, senhor - disse - o senhor deseja uma...?

- Acho que uma torta de maçã de Norfolk a reanimaria, Cobbs. Ela gosta muito.

O limpador de botas saiu em busca do revigorante solicitado. Quando o trouxe, o cavalheiro entregou-a à dama, deu-lhe de comer na boca com uma colher com a qual provou um pouco ele mesmo. Mas a dama estava realmente sonolenta e deprimida.

- Que acha, senhor - perguntou Cobbs - se eu trouxer um candelabro para guiá-los até os seus aposentos?

O cavalheiro aprovou a sugestão. A camareira antecipou-se subindo pela grande escada, seguida da dama com seu aventalzinho azul-celeste, galantemente escoltada pelo cavalheiro que abraçou-a à porta do quarto dela e retirou-se para o seu, cuja porta foi cuidadosamente trancada pelo limpador de botas.

Cobbs não pôde deixar de se sentir ainda mais envergonhando da sua maldade quando, no dia seguinte, no desjejum (havia ordenado, na véspera, leite com água, adoçado, torradas e geléia de groselha), ambos lhe perguntaram pelo pônei. Foi verdadeiramente penoso - me confessava isso sem embaraço - olhar para aquelas duas criaturinhas e pensar no abominável embusteiro que ele havia se tornado. No entanto, continuou a mentir, tão cinicamente quanto um troiano, sobre o pônei. Disse-lhes que, infelizmente, o pônei estava tosquiado e que não seria conveniente levá-lo ao tempo nesse estado, pois poderiam se ressentir os seus órgãos internos. Mas o tratamento terminaria naquele mesmo dia e no dia seguinte a pequena carruagem estaria pronta para a viagem. O limpador de botas julgava - ao refletir sobre o caso comigo, no meu quarto - que a Senhora Harry Walmers Júnior começava a perder o entusiasmo. Ao deitar-se, não lhe haviam enrolado os cabelos; tão pouco parecia capaz de pentear-se por si mesma; a irritavam os cachos caindo sobre seus olhos. Porém, nada abatia o ânimo de Harry Júnior. Sentado diante da xícara do desjejum, servia-se de geléia com tanta elegância quanto seu par.

O limpador de botas estava propenso a acreditar que, terminado o desjejum, ambos se haviam ocupado em desenhar soldadinhos... pelo menos sabia que muitos desses desenhos foram encontrados na lareira - desenhos de soldadinhos montados. No transcurso da manhã, Harry Júnior tocara a sineta (era realmente surpreendente como aquele menino conservava sua postura) e perguntara com ansiedade:

- Cobbs, há algum passeio bonito pelas vizinhanças?

- Há sim, senhor - respondeu Cobbs. - Temos o Caminho do Amor.

- Ponha-se daqui para fora, Cobbs! - essa foi a expressão usada pelo menino. - Está com zombarias.

- Peço perdão, senhor - desculpou-se Cobbs - mas o Caminho do Amor existe de fato. É um belo passeio e eu me sentiria muito orgulhoso de poder mostrá-lo ao senhor e à Senhora Harry Walmers Júnior.

- Norah, querida - disse Harry Júnior - isto é curioso. Devemos realmente ir conhecer o Caminho do Amor. Põe o chapéu, minha adorada, e Cobbs nos levarás até lá.

O limpador de botas deixava para mim o encargo de imaginar que grande vilão ele não deveria ter se sentido quando o jovem par lhe disse, durante a caminhada, que havia decidido pagar-lhe dois mil guinéus por um ano como jardineiro-chefe, levando em conta a sua lealdade de amigo. O limpador de botas desejava que a terra se houvesse aberto para enterrá-lo, tão mesquinho se sentiu quando os olhinhos brilhantes de ambos se fixaram nele, confiantes. Tratou de mudar o rumo da conversa, como pôde, e guiou-os pelo Caminho do Amor até um prado à beira do rio, onde Harry Júnior quase se afogou tentando apanhar um nenúfar para a senhora Norah; nada temia aquele menino. Depois de algum tempo, estavam caindo de cansaço. Tudo era tão novo e estranho para eles, que se cansavam ao extremo. Deixando-se cair num recanto forrado de margaridas, adormeceram como crianças perdidas no floresta, no caso, no prado.

O limpador de botas não sabia - talvez eu o soubesse, mas isso não faz diferença - por que um homem se entenece como um tolo ao ver duas lindas crianças dormindo em pleno dia, sonhando

menos adormecidas do que quando acordadas. Mas a verdade é que quando a gente pensa em si próprio, na vida que se levou desde o berço e no pouco que se vale, que se a gente não está pensando no passado está se preocupando com o futuro, e jamais se vive o hoje; e assim por diante.

O parzinho acordou finalmente e o limpador de botas ficou certo de uma coisa: o ânimo da Senhora Harry Wlamers Júnior vacilava. Quando Harry Júnior lhe passou o braço pela cintura, ela pediu "que não a aborresse tanto". Quando ele lhe perguntou: "Norah, a luz da minha vida, teu Harry te aborrece?", ela respondeu:

- Sim. Quero ir para casa!

Um frango assado e um pudim de pão e manteiga ao forno reanimaram a Senhora Walmers um pouco; mas o limpador de botas teria desejado, confessava-me em tom de segredo, vê-la mais sensível ao chamado do amor e menos ao da groselha. No entanto, Harry Júnior mantinha-se firme, o coração tão apaixonado quanto antes. Ao entardecer, a Senhora Walmers sentiu-se muito sonolenta e pôs-se a chorar. Logo depois foi se deitar, como na véspera, e Harry Júnior fez o mesmo.

Às onze horas da noite, voltou o hospedeiro num coche, acompanhado do Sr. Walmers e de uma senhora idosa. O Senhor Walmers parecia ao mesmo tempo muito alegre e preocupado e perguntou à hospedeira:

- Somos muito gratos, senhora, por haver cuidado tão bondosamente dos nossos pequenos; nossa gratidão não tem limites. Por favor, senhora, onde se encontra o meu filho?

A hospedeira respondeu:

- Cobbs tem tomado conta de seu adorável menino, senhor. Cobbs, leve-o ao quarenta.

O Senhor Walmers voltou-se para Cobbs e disse:

- Ah, Cobbs, estou muito satisfeito em te ver! Já sabia que estavas aqui!

Cobbs confirmou:

- Sim, senhor. Seu criado muito obediente.

Talvez eu tivesse me surpreendido ao ouvi-lo dizer isso, mas Cobbs me assegurou que ao subir as escadas o seu coração batia como um martelo.

- Perdoa-me, senhor, - disse ele enquanto soltava o ferrolho da porta - mas espero que não esteja muito zangado com Harry Júnior. Harry Júnior é um excelente menino, senhor, que vai honrá-lo e de quem ficará orgulhoso.

O limpador de botas me deu a entender que se o pai do excelente menino não tivesse concordado com ele, no estado de ânimo que se encontrava, seria capaz de agredi-lo, deixando para depois as suas conseqüências.

Mas o Senhor Walmers limitou-se a dizer:

- Não Cobbs. Não, meu amigo, Muito obrigado!

Aberta a porta, entrou. Cobbs acompanhou-o, levando um candelabro, e viu-o chegar-se ao leito, inclinar-se e carinhosamente beijar a face do menino adormecido. Depois, ficou um instante a contemplá-lo, sendo impressionante a sua semelhança com Harry Júnior (conta-se que também havia fugido com a sua esposa). Depois sacudiu suavemente o ombro do menino:

- Harry, meu querido! Harry!

Harry Júnior ergueu-se sobressaltado e olhou-o. Olhou para Cobbs. Tal era o sentimento de honra daquela criança, que olhou logo para Cobbs, a ver se não lhe causara dificuldades.

- Não estou zangado, meu querido. Quero apenas que te vistas e que volte para casa.

- Sim, papai.

Harry Júnior vestiu-se rapidamente. Quando terminou, seu peito começou a dilatar-se, e mais se dilatou quando se postou diante do pai, que o olhava também, silencioso.

- Por favor, eu poderia... (a fibra daquela criança dominando as lágrimas, prestes a explodir!) por favor papai querido... posso... posso beijar Norah antes de ir?

- Pode, sim, meu filho.

Tomou Harry Júnior pela mão, e Cobb foi adiante, com a luz; chegaram ao outro quarto, onde a senhora idosa estava sentada à cabeceira da cama e a pequenina Senhora Harry Walmers Júnior dormia profundamente. Lá chegados, o pai ergueu o menino até o travesseiro e este encostou o rostinho, por um só instante, no tépido rostinho da adormecida, atraindo-a gentilmente para si. O espetáculo comoveu tanto as camareiras que espiavam pela fresta da porta que uma delas exclamou:

- É uma vergonha separá-los!

Mas a camareira sempre fora, informou-me o limpador de botas, de coração mole. Ao dizer isso não queria dizer nada de mal contra ela, pelo contrário.

E isso foi tudo, concluiu o limpador de botas. O Senhor Walmers partiu no coche, tendo entre as suas mãos as mãos de Harry Júnior. A senhora idosa e sua filha, que jamais chegou a ser a Senhora Harry Walmers Júnior (casou-se com um capitão muitos anos depois e morreu na Índia), partiram no dia seguinte. No final das contas, Cobbs apresentava-me seus dois pontos de vista, para ver se eu concordava com eles: primeiro, não existem muitos casais de noivos que cheguem ao casamento inocentes de toda a maldade como aquelas duas crianças; segundo, talvez fosse uma verdadeira bênção para muitos casais de noivos serem detidos antes de se casar e cada um voltar para a sua casa.

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA



Charles Dickens

Charles John Huffan Dickens nasceu em Portsmouth, Hampshire em 7 de setembro de 1812 e aos 12 anos empregou-se numa fábrica para ajudar a família.

Após estudos mínimos, trabalha como ajudante num escritório de advogados. Logo de seguida é cronista parlamentar e redator de jornais humorísticos, até que, com *The Pickwick Papers*, aos vinte e seis anos, se torna de repente num autor de sucesso. Os seus romances posteriores, publicados em

forma de folhetim mensal, conhecem grande êxito.

Autodidata na sua adolescência, redime-se de tantas misérias e dedica a sua vida, com êxito, à literatura e jornalismo. Publica quase a totalidade da sua amplíssima obra em fascículos, procedimento usual na época.

Nos seus romances Dickens denuncia freqüentemente o poder político e os ricos vaidosos e especuladores. Nele o pensamento idealista e o romance sentimental unem-se para comover a sensibilidade do leitor e despertar a sua consciência moral. O realismo de Dickens não é sombrio e negativo, mas amável e sorridente, cheio de humor. Os seus melhores relatos têm por heróis crianças e tipos extravagantes.

A sua obra mais apreciada é *The Pickwick Papers*, romance imediata e popularmente admirado. Esta obra-prima do humor e da ternura apresenta o Sr. Pickwick, sábio distraído que viaja por Inglaterra. Entre o choro, a espera e o riso, a história do sr. Pickwick têm o último como ingrediente principal. Dickens abusava do humor para com isso facilitar a aceitação de seus textos pelo público. Nesse livro, o escritor se revelou um dos

melhores humoristas da literatura mundial, criando, com rara habilidade, personagens engraçadíssimas.

Dickens é um mestre das narrativas protagonizadas por crianças (*David Copperfield*, *Tempos Difíceis*, *Oliver Twist*). Nelas reflete a sua própria infância infeliz, com o que a narrativa alcança o vigor e o colorido do autobiográfico. Fustiga com insistência uma sociedade insensível ao abandono das crianças e aos sofrimentos dos indigentes.

"*David Copperfield*", um de seus mais conhecidos romances, foi publicado em 1849. O historiador e psicanalista inglês Peter Gay, acredita que, neste livro, a vitalidade, a observação e as notáveis instituições de Dickens deixaram sua marca em toda a parte e merecem ser levadas a sério. Gay o considera como a obra-prima do autor, na qual se narra uma infância de privações e sofrimentos amorosos do personagem que dá nome ao livro, tendo como pano de fundo os contrastes da sociedade industrial da época.

Escreve ainda "*História de Duas Cidades*" (1859), "*Grandes Esperanças*" (1861) e "*Nosso Amigo Comum*" (1864). Nos últimos anos de sua vida iniciou o livro "*O Mistério de Erwin Drood*", cujo desfecho permaneceria desconhecido: Dickens morreu em 9 de julho de 1870, antes de concluí-lo.